

Discurso

Presidente da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

Dr. Nuno Moita da Costa

Sessão comemorativa do 25 de abril

48º Aniversário

2022

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Deputados Municipais

...

Caros concidadãos e munícipes,

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Estamos aqui para comemorar, com o mesmo vigor e empenho democráticos, o acontecimento mais importante da nossa história recente. Precisamente 48 anos depois daquele dia "inteiro e limpo", para citar as palavras eloquentes da poetisa Sophia de Mello Breyner Andersen.

Para que possamos refletir sobre a oportunidade renovada da data, permitam-me que relembre que estamos a breves dois anos do cinquentenário, cujas comemorações a nível nacional, aliás, já começaram.

Este 25 de Abril traduz outro momento histórico assinalável: de facto, podemos celebrar, hoje e aqui, esta data que nos congrega, sabendo que estamos há mais tempo em Democracia do que estivemos sob a ditadura do Estado Novo, subjugados ao medo, à censura, à cárcere e à tortura.

O legado de Abril é incontestável. Logo à partida pelo carácter pacífico e original da Revolução dos Cravos. Depois, por termos consolidado uma Democracia sustentada numa Constituição avançada, em eleições livres

e em instituições autónomas. Em terceiro lugar, por uma integração na União Europeia bem-sucedida, junto de parceiros vigorosamente democráticos e cooperantes. Finalmente, pela melhoria acentuada da qualidade de vida da generalidade da população, designadamente na Educação e na Saúde.

Mas nada está garantido. Vivemos, à escala global, num contexto de incertezas, e perplexidades e devemos, por isso, mantermo-nos vigilantes e exigentes, cada vez mais ativos civicamente, sempre movidos pelo bem comum, sem egoísmos pessoais ou nacionais.

A pandemia e a guerra na Ucrânia, estão aí para nos lembrarem como serão difíceis e conturbados os tempos que nos aguardam.

Ainda há poucos meses era inimaginável que iria deflagrar uma guerra na Europa, que envolvesse milhões de vítimas, entre mortos, feridos, deslocados, refugiados, destruições maciças e outras barbaridades. E, no entanto, essa guerra aí está, à nossa porta, há já dois meses. Passadas oito décadas sobre a Segunda Guerra Mundial, o cortejo de horrores repete-se. Prova de que a banalidade do mal mora ao nosso lado e tem tendência a repetir-se. No caso presente, não há dúvidas sobre quem é o agressor, por mais que a propaganda russa tente encontrar razões para a invasão. O imperialismo de Putin, surgido da herança czarista, é responsável pela violação dos mais elementares princípios do Direito Internacional e pela tentativa de acabar com a independência, a integridade e a vivência democrática de um país que escolheu a liberdade e os valores que orientam o mundo ocidental.

Caros munícipes e concidadãos:

Neste 25 de Abril, importa manifestar a nossa solidariedade com o povo ucraniano que vive um tempo de atrocidades. E devemos ser solidários, honrando a tradição do nosso povo, humanista e pacifista, que mesmo numa revolta militar derrubou um regime com cravos, em vez de armas.

Esta guerra tem muitas características genocidas e esperemos, por isso, que leve ao julgamento dos seus autores. Por outro lado, esta mesma guerra deve levar a uma profunda reflexão sobre o funcionamento das instâncias supranacionais, ONU incluída, e sua eventual reforma e adequação às necessidades deste século.

Permitam-me agora que me detenha com mais pormenor nos perigos para a democracia – essa permanente construção -, que representam os populismos e os regimes autocráticos.

O que se passa na Ucrânia permite-nos confirmar que nada está adquirido. A História traz-nos vários exemplos de regimes que colapsaram quando muitos contemporâneos desses tempos achavam que iam durar para sempre. O Império Romano é o mais significativo dos exemplos. Caiu abruptamente, após séculos de domínio intercontinental.

Hoje estamos perante perigos mais alargados, da mais variada natureza e localização geográfica.

Perto de nós, temos a Rússia e a Turquia e, no próprio âmago da União Europeia, o caso exemplar da Hungria. Tudo países a desviarem-se do trilho democrático. Há eleições, mas nos períodos intermédios a democracia fica em suspenso, à mercê de líderes com tiques ditatoriais.

Casos de Putin e Orban, com ideias comuns, talvez não por acaso, sobre a Guerra na Ucrânia.

O mal-estar dos nossos tempos começou a desenhar-se após a queda do muro de Berlim. Nessa altura acreditava-se que a democracia liberal seria o regime eterno e que o seu destino era o de estender-se a todo o planeta. Passou um quarto de século e o futuro radioso que nos era narrado transformou-se num quadro sombrio.

A ameaça alimenta-se de três alterações profundas. Em primeiro lugar, a crise financeira e a estagnação económica que levaram a um aumento da desigualdade de rendimentos e que provocaram descontentamento nos trabalhadores e na classe média.

Em segundo lugar, houve uma intensificação dos movimentos migratórios que fez aumentar a revolta contra os recém-chegados, o medo do outro, a xenofobia e o racismo.

Em terceiro lugar, as redes sociais também estão a contribuir para a crise da Democracia, ao darem voz e palco a partidos e líderes populistas que prometem aquilo que as pessoas gostam de ouvir, mesmo que seja irrealizável ou até mesmo atentatório aos mais elementares direitos humanos.

Contra esta mistura explosiva, é urgente que os políticos eleitos travem o nacionalismo, inovem na economia e combatam as desigualdades sociais. Assim como é premente que cada cidadão reforce a sua fé cívica nos princípios da Igualdade e da Fraternidade e que todos lutemos, corajosamente em liberdade, pelas nossas convicções e por uma sociedade mais justa e mais ética.

Paralelamente com a progressão dos populismos e iliberalismos, também os fundamentalismos se mantêm ativos e muitas vezes sectários e violentos. E não apenas os religiosos, mas também os fundamentalismos de cariz político e social. Todos partem da ideia de que é necessário promover o regresso às crenças e doutrinas originais, condicionar a vida social e pessoal nos mais diversos pormenores do dia a dia. Ou seja, asfixiar as liberdades e a Democracia e descambar muitas vezes no terrorismo.

Igualmente os racismos, são uma ferida cada vez mais aberta nas nossas sociedades, alegadamente desenvolvidas. Ninguém melhor do que Nelson Mandela para nos alertar e responsabilizar sobre esse ideário incivilizado. Para esse mestre humanista, o racismo, como a violência e a pobreza, são fruto de ideias e ações humanas e como tal é responsabilidade de todos nós acabarmos com essas feridas que nos envergonham.

No meio de todos estes combates e desafios compete-nos seguir em frente, cultivar o otimismo, trabalhar no Mundo que nos foi legado e deixá-lo melhor aos nossos filhos e netos. No Mundo, em Portugal e em Condeixa.

É, pois, com muito ânimo e intento que encaramos os próximos anos. Queremos continuar a fazer de Condeixa um lugar de esperança, de solidariedade, de prosperidade e de paz. Um lugar onde todos os que aqui moram se reconheçam nestes valores e gozem de uma condição de vida digna.

Esperam-nos novos investimentos na melhoria da habitação, da inovação empresarial, das qualificações e na urgente transição climática e digital. Nunca como hoje foi tão importante avançar nas chamadas energias alternativas, reduzindo a dependência, e a fatura,

dos combustíveis e da energia convencional, que nos colocam, por estes dias, sérios embaraços à produção e ao equilíbrio financeiro das empresas e das famílias.

Quero ainda recordar as oportunidades que se irão criar quando estiver em pleno funcionamento o novo centro de indústrias criativas da antiga fábrica 'Cerâmica de Conímbriga'. E ainda quando estiverem concluídas as obras de ampliação da Zona Industrial, outro dos nossos projetos âncora para promover o desenvolvimento industrial e potenciador de emprego no nosso Concelho.

Queremos ajudar a instalar em Condeixa um ambiente inovador e empreendedor, que alavanque a mudança de paradigma para um modelo de desenvolvimento económico, social e ambientalmente mais sustentável.

Caras Senhoras e caros Senhores,

Neste dia, permitam-me que recorde, e cite, um dos grandes lutadores pela liberdade e um dos maiores poetas contemporâneos, Manuel Alegre.

Foram dias foram anos a esperar por um só dia.

Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que dóia

Com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia

Na esperança de um só dia.

Agora que o tempo decorrido em liberdade superou os longos anos de ditadura, saibamos honrar todos aqueles que, com uma enorme coragem e altruísmo, fizeram do sonho realidade. A nossa homenagem a todos os capitães de abril, representados na figura de Salgueiro Maia, “aquele que na hora da vitória respeitou o vencido, aquele que deu tudo e não pediu a paga, aquele que na hora da ganância perdeu o apetite”, como um dia lhe escreveu Sophia de Mello Breyner.

Salgueiro Maia tornou-se um símbolo da integridade e honradez, no início de um país de Liberdade e de Solidariedade.

Saibamos passar às gerações pós 25 de abril o amplo significado da revolução e, sobretudo, sejamos capazes de por no presente as lutas sempre inacabadas pela liberdade, pela justiça e pela igualdade.

Viva a Paz. Viva a Liberdade. Viva o 25 de Abril.

Nuno Moita da Costa

Presidente da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

25 de abril de 2022